

IMIGRAÇÃO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: O CASO DO PROGRAMA NÓS EM PORTUGAL

Elaine Javorski

Resumo

Este trabalho estuda de que maneira são representados os imigrantes no programa televisivo “Nós”, emitido pela televisão pública portuguesa, RTP. A proposta do programa, uma iniciativa governamental, é mostrar a imigração pelo viés da integração. Para vislumbrar a forma com que o tema é tratado foi realizada uma análise de conteúdo dos programas desde 2005, quando iniciaram as transmissões, até 2010.

Palavras-chave Programa “Nós”, imigração, televisão

Abstract

This research analyses how immigrants are being represented through TV show “Nós”, broadcasted by the Portuguese Public Television, RTP. Conceived by the government itself, the TV show intends to present to the audience the phenomenon of immigration by the view of integration. To glimpse the way the subject is treated was performed a content analysis of programs since 2005, when the broadcasts began, until 2010.

Key-Words TV show “Nós”, immigration, television

Introdução

A Europa Ocidental experimenta hoje um fenômeno que, há muitos anos atrás, foi feito no sentido inverso. No início do século XIX, muitos europeus deixaram seus países para imigrar. Os motivos: descobrimentos e colonizações, pestes, guerras e problemas econômicos e políticos. Hoje, milhões de pessoas chegam a Europa para buscar uma vida melhor através do trabalho, estudos ou simplesmente para refugiar-se dos problemas políticos e econômicos de seus países. A maioria parte das ex-colônias ou países em desenvolvimento. Desde 1973, a imigração na Europa é considerada um problema ao qual o Estado

deve responder. Em 1985, a Comissão Europeia viu-se diante da necessidade de formular políticas de imigração. No entanto, esta questão não fez parte da agenda da UE até a década seguinte. Hoje, esta questão é assunto diário na Comissão Europeia e na mídia de todo o continente.

Preocupada com as formas de acolhimento destes indivíduos, os governos, juntamente com a União Europeia, têm procurado desenvolver estratégias para combater o fluxo de imigrantes ilegais, fazer a regularização dos que podem ser legalizados e promover a integração (respeitando os direitos dos imigrantes) dos que já vivem entre os habitantes nativos. Para trabalhar este último ponto os governos contam com a ajuda da mídia.

Portugal é um dos países europeus que encontrou na emissora pública de televisão as ferramentas que precisava para abordar a questão da imigração diferente do que faziam os telejornais, onde se proliferavam estereótipos e preconceitos. Assim, em 2004, o governo português (através do ACIME - Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, órgão ligado ao Conselho de Ministros¹) em parceria com rede pública de televisão, RTP, deu início à transmissão do programa “Nós”. O objetivo, como o próprio órgão reconhece ao apresentar o programa no *site*, é tentar criar uma ponte de informação com a sociedade civil através da apresentação de um conjunto de entrevistas e debates sobre temas atuais; peças informativas sobre direitos e deveres dos cidadãos imigrantes; contato direto com associações de imigrantes; apresentação de serviços organizados pela sociedade civil e Estado, além de promover a riqueza cultural e social das diferentes comunidades através de histórias de vida, gastronomia, esportes e cultura.

O objetivo desse relatório é fazer uma análise de como se dá a representação social dos imigrantes neste programa. Para tanto, será feito, primeiramente, uma aproximação com o tema, explorando dados e panoramas da imigração em Portugal. Depois, serão estudadas as relações entre mídia e imigração, principalmente no que diz respeito à televisão como formadora de identidades. Na segunda parte, o trabalho visita alguns conceitos de representação social e passa a analisar o programa “Nós” segundo esse prisma.

Panorama da imigração em Portugal

No final do século XIX e início do século XX milhares de europeus imigraram para várias partes do mundo, mas principalmente para o continente americano. O resultado do deslocamento transoceânico pode ser visto hoje através da

¹ En 2007, o ACIME passa a ser um instituto público e a denominar-se ACIDI – Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

redescoberta das raízes europeias pela terceira geração de imigrantes de países em desenvolvimento. Nos anos 50, uma nova leva de europeus provenientes do sul se moveram. Desta vez o destino foi o norte e centro da Europa. Durante 20 anos um grande número de jovens emigraram em busca de trabalho. Segundo Barganha e Reyneri (2001) a saída do país alcançou cerca de 1,5% da população em Portugal. Mas essa imigração teve a característica de ser temporária, ou seja, cinco ou dez anos mais tarde essas pessoas retornaram ao país de origem. Desde 1978, a diferença entre o volume de imigração e emigração tornou-se positivo em Portugal e permanece até hoje.

A chegada de imigrantes nos países do sul do Europa teve dois momentos. Primeiro, o fluxo foi maior em países ricos e grandes, como a Espanha, por exemplo, onde um grande número de imigrantes começaram a chegar no início da década de 80. Neste país a imigração teve seu pico em 1991, quando adquire um ritmo mais lento de crescimento. No caso de Portugal, a imigração alcançou um número significativo apenas no final dos anos 80 e início dos 90. Os fluxos se mantiveram elevados até 1997, quando decide-se controlar a entrada de imigrantes por meio de patrulhas de fronteiras e medidas contra imigrantes ilegais.

A maioria dos imigrantes que chegam em Portugal tem como principal característica a proximidade cultural. Muitos provêm de ex-colônias e têm muito claro o papel que os países europeus desenvolveram em seus países de origem. Também a facilidade da língua fez com que a imigração nesses países ocorresse de forma mais homogênea.

Até 1980, Portugal contabilizava menos de 50 mil pessoas estrangeiras, a maioria vinda de países europeus e das colônias portuguesas em África. No final da década de 70 começaram a chegar a milhares de africanos, devido à escassez de mão de obra masculina e as guerras coloniais. Uma nova onda surgiu após a Revolução de 1974. Muitos africanos com nacionalidade portuguesa se instalaram no país de forma permanente. Até 1980, a imigração crescia cerca de 6% ao ano. Nos anos 90, o fluxo cresce para 9% devido ao aumento da imigração dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), Brasil e Europa. Em 1995, havia 168 mil estrangeiros vivendo em Portugal. Destes, 113 mil eram provenientes de países subdesenvolvidos. Atualmente vivem em Portugal 454.191 imigrantes, número considerável já que a população total é de 10 milhões de habitantes. A maioria vem do Brasil (116.220), Ucrânia (53.293 milhões), Cabo Verde (48.845 mil) e Romênia (32.457 mil). A região de Lisboa concentra uma grande parte de imigrantes (195.140), seguido de Faro (73.242) e Setúbal (49.094)².

² Dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras de Portugal, 2010

Portugal tem a característica de ter recebido uma imigração de pessoas idosas por um longo tempo. 5% dos idosos são provenientes dos PALOP e de 16% da UE. A grande maioria dos imigrantes não-comunitários são provenientes de sociedades rurais com pouca educação. No entanto, segundo Barganha e Reyneri (2001), há uma minoria significativa de imigrantes com a realidade social diferente como brasileiros e chineses, vindos de classe média.

A imigração vista através da mídia portuguesa

Grande parte da mídia europeia apresenta os imigrantes como invasores, criminosos e, em geral, como um problema para a sociedade em que estão instalados. Poucos casos são aqueles que valorizam o seu contributo para a economia e cultura. O mesmo acontece em Portugal. Neste país os estudos sobre a imigração e os meios de comunicação mostram o rápido crescimento do interesse no assunto desde a década de 90. Mas não se fizeram estudos quantitativos neste período, principalmente em relação à televisão. A investigação nesta área começou na última década. Durante os anos 2003 e 2004 foi realizado um estudo pelo ACIME (Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas), que procurou analisar o tratamento da imigração na televisão portuguesa. Durante nove meses foram analisados os quatro principais telejornais portugueses. A análise concluiu que, em 2003, das 224 histórias sobre imigração e minorias, 48 tratavam de prostituição (principalmente envolvendo de mulheres brasileiras.) Das 48 peças, 23 (47,9%) foram emitidas pelo canal privado TVI. O total de reportagens emitidas pela TVI corresponde à soma de todas as notícias sobre o tema emitidas pela SIC (canal privado) e RTP (canal público) durante todo aquele ano. Em 2004 as notícias relacionados ao tema da imigração cresceram 30% (95 reportagens) em comparação com 2003. Entretanto, o número de matérias que trata o problema da prostituição diminui para 42. Em 2004, o novo líder de reportagens sobre o assunto é o canal privado SIC com 18 reportagens, e 15 da TVI.

Alguns fatos produzidos ou repercutidos pela mídia deixaram sua marca na questão da imigração, tanto pelo uso de termos racistas quanto pelo sensacionalismo. Um deles é o caso da "arrastão", um termo usado no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, para classificar o roubo em massa nas praias. Em Portugal, o termo foi "emprestado" pela mídia a partir do dia 10 de junho de 2005. Segundo os meios de comunicação, o "arrastão" teria acontecido na praia de Carcavelos, em Lisboa, conhecida por ser frequentada por brasileiros e imigrantes africanos. Entretanto, dias depois, a própria polícia desmentiu o ocorrido relatando que não foram registradas queixas e que nada havia sido roubado na praia. Uma confusão havia sido armada e os banhistas corriam pela praia para fugir dela, já que a polícia havia chegado no local de

forma intempestiva. O jornalista Diana Andringa, no documentário "Era uma vez um Arrastão"³ mostra a falta de dados para demonstrar o incidente com base em reportagens de jornais, televisão e rádio.

Esta notícia não aparece isolada. A partir dela surge uma série de reportagens sobre assaltos em trens portugueses supostamente praticados por jovens negros. Mas os dados da própria polícia mostram o contrário, ou seja, que os atentados em trens em 2005 havia sido 33% menor que em 2004. Todos estes exemplos mostram que o ano de 2005 foi um período difícil para a imigração em Portugal. O momento era extremamente favorável à criação e reforço de estereótipos e atos racistas.

Isabel Ferin Cunha (2003), coordenadora dos estudos sobre a imigração e a mídia em Portugal, constatou que, apesar do crime ter sido mais fortemente ligado à cobertura da mídia, os dados apontam para um crescente interesse na identidade e cultura do outro, o que passa a conferir à mídia e seus profissionais o papel de (inter)mediadores culturais.

Para Zapata-Barrero (2004), os meios de comunicação têm um papel importante nessa construção do interesse pela cultura do imigrante.

Los medios de comunicación tienen influencia determinante en su función socializadora y como gestores de la opinión pública, pero también desempeñan una función legitimadora que suele desatenderse. Los medios (...) proporcionan argumentos para justificar discursos en torno a la inmigración y legitimar formas concretas de gestionar el proceso de multiculturalidad. En este sentido, su papel generador de argumentos para enfrentarse o acompañar el proceso de multiculturalidad es primordial (ZAPATA-BARRERO, 2004, p.172)

Segundo o autor, ao transferir o tratamento negativo da informação em geral ("a boa notícia não é notícia") para o processo de multiculturalidade, converte-se quase toda notícia em fonte geradora de estereótipos. Assim, essas notícias acabam sendo canais de mediação entre o racismo institucional e o racismo social. O autor acredita que a mídia retroalimenta os estereótipos. Ela não só cria uma má imagem, mas também contribui para a sua consolidação e manutenção ao longo do tempo. "Supeditados a la lógica de mercado de noticias, suelen generalizar el proceso mismo de multiculturalidad y particularizar tan sólo los efectos negativos para la ciudadanía y las estructuras" (ZAPATA-BARRERO, 2004, p.172). Por outro lado, Martine Joly (2003) argumenta que, se os estereótipos e clichês conseguem impor-se é porque, de alguma maneira, expressam os valores do contexto sociocultural da sociedade onde estão inseridos. Os telejornais, por exemplo, colocam em

³ Disponível em www.eraumavezumarrastao.net

evidência alguns procedimentos onde podem ser encontradas manifestações de estereótipos. Um deles é a estrutura "abertura-complicação-resolução".

“Si consideramos aquí la narrativización de la información como un estereotipo, es porque la idea de que la vida (y por consiguiente los «acontecimientos» que la constituyen) se corresponde con otras tantas «historias», con un comienzo, un término medio y un final, es un estereotipo, algo implícito, ideológico y que comparte el mismo orden que aquellos que localiza Gérard Leblanc cuando analiza la noción de «información» en televisión. Este investigador demuestra, en efecto, que allí «información» es sinónimo de «acontecimiento» en cuanto ruptura accidental, espectacular y catastrófica del curso, supuestamente tranquilo, por consiguiente, de la vida” (JOLY, 2003, p. 226).

Zapata Barrero sugere uma forma diferente de tratar este tipo de informação. Segundo o autor, deve haver um discurso alternativo que apresente a imigração como parte de um processo multicultural que tem um significado global, histórico e político.

A televisão e a (des)construção de identidades: indivíduo e coletividade

Isabel Ferin Cunha (2003) aponta alguns dispositivos que podem ajudar a contextualizar a imigração contemporânea e sua relação com os meios de comunicação, mais especificamente com a televisão. São eles os responsáveis não só pela construção de uma nova ordem mundial “pós-colonial” mas também pela construção e desconstrução de identidades particulares e coletivas. Estes dispositivos também são capazes de disseminar – de maneira onipresente e sem interrupção – informação, imagens e ideias que geram “complexos processos de reflexo e ruptura entre o real e a ficção” (CUNHA, 2006, p.11).

Appadurai (2004) atribue a esses repertórios o nome de mídia-paisagem que, fragmentadas no tempo e no espaço, trazem ao cotidiano das pessoas aspirações como a liberdade, direitos e prosperidade. Os meios de comunicação surgem aqui como vitrines das identidades possíveis, ajustando-as aos modos de vida cotidiana. Logo, estes dispositivos tendem a sobrepor às identidades construídas outras identidades já enraizadas como as culturas nacionais, o idioma e as tradições compartilhadas.

Neste trajeto, onde se cruzam constantemente o coletivo e o indivíduo, as interações culturais adquirem novos sentidos e a imaginação permite reinventar as possibilidades locais que são globalmente definidas. A imaginação, apoiada pelos fluxos de imagens e informações emitidas sem interrupção pelas novas tecnologias, trabalha essas aspirações e impulsionam os projetos, individuais e coletivos, transformando as relações e criando uma rede entre os fluxos humanos.

Segundo Cunha (2003), a televisão tem um papel muito importante já que está constantemente construindo e desconstruindo imaginários e identidades. Para Martin-Barbero e Rey (1999) a televisão, devido sua natureza, características técnicas, discursivas e narrativas, se transformou no grande motor da interpelação e perturbação dos cotidianos urbanos e sociais. Ao mesmo tempo, a televisão representa outros campos possíveis, outras vidas e sociedades, o que faz com que funcione como uma fábrica de imaginários disseminando estilos de vida e estimulando diversas formas de projeção de trajetórias individuais.

Todos esses fatores, negativos e positivos, são consequência de uma cultura de massas que faz com que os meios de comunicação, com mais força a televisão, estabeleçam uma série de procedimentos sistemáticos capazes de homogeneizar as opiniões políticas além de criar necessidades e desejos para certos objetos de consumo. Esse tipo de ação ocorre de maneira muito discreta e atrativa. Como diz Martine Joly (2003) há uma tendência da lógica da sedução no lugar da lógica de manipulação. Ou seja, um formato atrativo, com recursos gráficos apropriados e tratamento da imagem, seduz. Não há necessidade explícita da manipulação. A sedução, além de entreter, também adiciona lembranças e ideias no subconsciente dos espectadores.

A comunicação - e, mais especificamente a televisão - são criadores de uma realidade que, nem sempre, será a realidade que vivemos. Desde a perspectiva Gerbneriana (Gerbner, 1989) a televisão se mostra como um onnipresente veículo de aprendizagem do nosso entorno. É o principal fornecedor de imagens da cultura popular e, também e mais importante, foi transformado em uma instituição comercial que monopoliza a construção social da realidade social, acima das tradicionais instâncias socializadoras como a igreja, a família ou a escola.

Com isso, a televisão se torna uma ferramenta poderosa para ajudar a suavizar os efeitos negativos da imigração nos países onde esta é uma problemática atual e muito discutida. Os programas temáticos sobre a imigração têm o dever de mostrar o lado bom e saudável da entrada de estrangeiros no país. Tanto que um dos princípios básicos de programas como estes é ocultar o estrangeiro que se vê nos noticiários. Isto é, a realidade é deixada para os telejornais. Estes programas têm mais a função de mostrar a outra realidade: das pessoas que lutam e que, de uma forma ou de outra, fazem algo bom para

a sociedade local. Segue-se a isso o fato de que a imagem televisiva só pode transmitir um viés da realidade e não a realidade como um todo.

As representações sociais nos meios de comunicação

Os meios de comunicação adquiriram, ao longo da sua história, a qualidade de instrumentos de coesão social. Isso se deve ao fato de serem eles os responsáveis pela disseminação de representações sociais que fazem com que grupos compreendam a si mesmos e aos outros. É a partir da mídia que a sociedade entende a própria imagem e o que ela representa.

As representações sociais são processos emotivos e cognitivos que produzem sentido e realidades simbólicas. Organizam a realidade e asseguram a permanência e a congruência de determinadas crenças. Segundo Mannoni (2001), são estas as características fundamentais nas representações sociais: o caráter dinâmico, estruturante e perseverante. Santamaría (2002) afirma que estas representações são uma maneira de conceber a realidade, tanto no sentido cognitivo como também constitutivo e estruturador. As representações são parte das relações sociais. Fazem um caminho de duas mãos porque por ela são construídas delas provêm. As representações são coletivas, estão no seio da sociedade e por ela são aceitas, transformadas e elaboradas. Além disso, são construtoras do pensamento social.

Para Moscovici (1978), as representações sociais só podem existir em sociedades pensantes, principalmente na realidade contemporânea onde o ritmo acelerado da vida faz com que não sejam enraizadas tradições, onde as representações são mutáveis. As mudanças provêm justamente dessa sociedade que está em constante avaliação de seus problemas e soluções. O autor, formulador da Teoria das Representações Sociais na década de 50, coloca como umas das principais características da sociedade atual o conflito entre individual e coletivo. Ele acredita ser esse conflito peça fundamental para a convivência social. Outra característica seria o caráter prescritivo das representações, que faz com que os indivíduos e a coletividade sejam levados a pensar de determinada forma sobre um certo objeto. As representações também podem ser produzidas por algumas agrupações com a intenção de resistir à culturas que possam influenciar sua identidade.

A importância em se perceber as construções sociais de determinados grupos é fundamental para entender de maneira adequada como as identidades sociais são construídas diariamente e, grande parte das vezes, influenciadas

pela mídia. A importância dos meios de comunicação, segundo Jodelet, está focada em três pontos básicos.

No primeiro, ela se constitui no vetor de transmissão da linguagem, sendo ela mesma portadora de representações. No segundo, ela tem uma incidência sobre os aspectos estruturais e formais do pensamento social, uma vez que ela induz processos de interação social, de influência, de consenso ou dissenso e de polêmica. E, por último, ela concorre para forjar representações, porque, ao lado do poder performativo das palavras e discursos, (ela passa a se constituir na) força com a qual as representações instauram versões da realidade, comuns e partilhadas. (JODELET, 1989, p.49 apud ALMEIDA & SANTOS, 2005, p.45)

Os meios de comunicação são referências para o conhecimento e experiência dos indivíduos e da coletividade. São eles que, como outros elementos, delineiam a noção sobre o que é o mundo e quem são os outros. A mídia dá visibilidade, tematiza e também hierarquiza alguns aspectos da vida social. Desta forma, cria e mantém certos conceitos, bem como preconceitos e estereótipos. Conforme diversas pesquisas nesse âmbito com relação aos imigrantes na mídia europeia é possível entender que existe uma homogeneização das representações, onde estes indivíduos são expostos de forma conflitiva. Já no programa analisado neste estudo, "Nós", se dá o contrário, trabalhando a imagem dos estrangeiros como pessoas que colaboram com o Estado e a cultura local. É o que vislumbraremos a seguir.

O programa Nós e a representação social dos imigrantes

"Nós" é transmitido entre as 10h e 11h das manhãs de domingo pela emissora RTP2. O programa é repetido pela RTP África e RTP Internacional e outros canais da emissora pública. O programa sempre manteve a mesma estrutura básica da revista onde se mistura informação e entretenimento com o objetivo de integração dos imigrantes e de tolerância por parte da sociedade local.

Assim, há entrevistas em estúdio com autoridades e especialistas, informações básicas para os imigrantes, histórias de vida, espaço para as associações de imigrantes, bem como seções com reportagens sobre costumes e culturas. Para esta análise foram escolhidos sete reportagens sobre histórias de vida, uma por ano: Maria da Penha, doméstica brasileira (Julho/2004), Rodrigo Leal, cantor brasileiro (Setembro/2005), Kiko, capoeirista brasileiro (Fevereiro/2006), Vitaly, fotógrafo ucraniano (Março/2007), Paulo Seco, escritor angolano (Outubro/2008), Karlos Wendell, cabeleireiro brasileiro (Abril/ 2009), Elisabeta Necker, empresária romena (Janeiro/2010).

Como visto no decorrer do trabalho, o programa “Nós” tem como objetivo retratar o imigrante de forma positiva, contrariamente ao que acontece nos telejornais portugueses. Neste caso, os personagens exibidos devem ser representados de forma que sua aceitabilidade seja convergente com as regras sociais existentes nas sociedades acolhedoras. Mas, como diz Alsina (2006), as representações sociais, ainda que tenham certa continuidade histórica, podem mudar segundo as circunstâncias. Em muitos momentos a imigração pode ser vista como uma ameaça e em outras como uma salvação. No programa da emissora pública portuguesa, a representação do imigrante tende a ser o mais semelhante ao da comunidade receptora. Ou seja, os forâneos têm os mesmos objetivos e valores que os moradores locais e, portanto, merecem o mesmo respeito e tratamento. É o que se constata nas reportagens analisadas neste estudo. Elas têm em comum o fato de contar a história de vida dos imigrantes através de uma linguagem mais reflexiva que informativa. A intenção é mostrar o imigrantes capaz de superar as dificuldades de ser estrangeiro conservando seus valores básicos. No programa “Nós” o imigrante é representado através de quatro valores fundamentais:

- Trabalho, muitas vezes visto como um fator de integração mas também como um valor que atribui ao imigrante uma carga de responsabilidade;
- Família e o que ela representa na vida dos imigrantes;
- Integração no país receptor, a convivência com a sociedade acolhedora e com seus compatriotas;
- Lembranças da terra de origem.

Estes valores representam os imigrantes porque, segundo Mannoni (2001), a mentalidade de muitos grupos sociais está condicionada pelos discursos sociais. Da mesma forma, a narração de vida de um sujeito pode ser interpretada em função de seu mito pessoal. O poder dos meios de comunicação na expansão dessas representações é fundamental para que elas se enraízem na sociedade. Para Alsina,

los medios de comunicación actúan sobre la disponibilidad de las representaciones sociales, utilizando determinadas representaciones que potencian la adhesión de las personas a las mismas. Los medios de comunicación plasman, y al mismo tiempo alimentan, las imágenes de alteridad existentes en la sociedad. (ALSINA, 2006, p. 41)

Segundo o autor, são os meios de comunicação que determinam os limites entre *nós* e *os outros*. Nas reportagens analisadas, são encontradas pistas de como os imigrantes são relacionados aos valores listados acima.

Imigração e mercado de trabalho

Todas as reportagens analisadas se referem ao trabalho dos entrevistados. A equipe de reportagem visita o local de trabalho, os entrevistados falam sobre ele e observam diferenças entre o país de origem e o acolhedor. Além de ser o principal motivo do fluxo migratório, o trabalho também resulta em um meio social para fazer amizades, mostrar e compartilhar traços culturais, além de uma forma de integração à sociedade. Por isso, o trabalho é algo tão importante para o imigrante como para a sociedade que o acolhe.

Na reportagem “Penha, trabalhadora brasileira”, por exemplo, a equipe visita os locais de trabalho da imigrante e sua casa, numa incessante busca pelas tarefas laborais. Mesmo em casa a personagem é filmada trabalhando e, depois de mostrar todo esforço dela por uma vida melhor, a última imagem da matéria é um sorriso de Penha. Os discursos identitários promovidos pela mídia alimentam esse tipo de estereótipos que reforça uma visão simplificada da realidade. O mesmo acontece com a reportagem sobre Karlos Wendell, também brasileiro, que é entrevistado no seu local de trabalho, um salão de beleza, e é levado a comentar suas impressões sobre a profissão exercida em Portugal e as lembranças do trabalho no Brasil. A diferença, na voz do entrevistado, é uma melhora de vida. Outra história, de Vitaly, fotógrafo ucraniano, também está centrada no trabalho mesmo sem imagens do imigrante atuando na área profissional.

Estes exemplos, como os demais analisados, mostram a necessidade de perceber o imigrante como um cidadão que está nessa nova comunidade para agregar e que não representa uma ameaça no mercado de trabalho.

Imigração e família

Em muitas das percepções estigmatizadoras da imigração, o imigrante é visto como alguém perigoso, que pode ameaçar os valores da sociedade onde se

instala. Um dos caminhos para demonstrar o oposto é a convivência familiar. A família atribui ao imigrante responsabilidade, assim como o trabalho. Além disso, entende-se que a pessoa que tem uma família presente, longe ou perto, prima por valores como honestidade, boa conduta, moral. Por isso, a família aparece, nesta análise, como o segundo dos aspectos que mais se atribui importância na narrativa das reportagens. Um exemplo disso é a reportagem sobre a romena Elisabeta Necker. A história dela é contada primeiro pelo viés do trabalho e, em seguida, passa-se a falar da família. A equipe acompanha Elisabeta para buscar a filha na escola, sempre se referindo ao amor entre elas e a luta pela vida melhor. As constatações podem se estender a todo o programa, inclusive em quadros como a culinária, onde muitas vezes as famílias estão reunidas para apresentar um prato típico da sua terra.

Integração dos imigrantes

Em muitos casos, quando se fala de integração o que verdadeiramente se quer dizer é a assimilação da cultura hegemônica e a desintegração da cultura original. Romero analisa essa ambiguidade:

En los documentos oficiales, en los proyectos concretos y en el discurso público la persona que se integra es el inmigrante, pero consideramos que no es así: la integración es al menos cosa de dos: quien acaba de llegar o está en proceso de asentamiento y quien ya está instalado. Se integran autóctonos y foráneos (ROMERO, 2003, p. 77).

Outras vezes, segundo Grillo (2001) o que se propõe é uma assimilação da vida pública e um pluralismo cultural na vida privada. Alsina (2006) defende que no discurso sobre a imigração costuma-se apresentar a sociedade receptora de maneira muito mais homogênea do que é na realidade. Na verdade, as sociedades modernas são plurais e diversas, portanto são por si só heterogêneas. Nas reportagens selecionadas se pode perceber como a integração é retratada através da análise textual e visual já que em todas as vezes em que o assunto aparece é instigado pelos repórteres. Na reportagem sobre a trabalhadora Penha, por exemplo, a protagonista fala de como ela é vista pelos empregadores e que se considera, muitas vezes, uma pessoa da família. Na reportagem sobre a romena Elisabeta fica clara a boa imagem que a comunidade tem dela. Foi lá que ela fundou uma associação de imigrantes. Diversos portugueses são entrevistados para falar de seu empreendedorismo e da importância de sua liderança para a comunidade. Usar o depoimento de moradores locais é um recurso usado com frequência pelo programa e mostra

o interesse em colocar o imigrante como um elemento socializável. O mesmo acontece na reportagem sobre Kiko, capoeirista brasileiro, onde seus alunos são entrevistados. É a imagem inversa apresentada pelos telejornais que geralmente mostram os imigrantes mais pelo ponto de vista conflitivo - que, aliás, é próprio da convivência intercultural - do que pelo prisma da integração.

Lembranças do lugar de origem

As lembranças, as comparações e os objetivos de vida estão em todas as peças analisadas. Na reportagem com Paulo Seco, estudante angolano, fala-se da aproximação da cultura como um dos principais motivos que o levou a imigrar para Portugal. Ele fala das diferenças do clima mas afirma que os laços sempre foram forte com o país europeu já que muitos portugueses vivem em Angola. Na entrevista com o brasileiro Karlos Wendell também há recordação de momento vividos no país de origem, as dificuldades, e a vida que levava. Sublinha-se o progresso econômico e social dele quando conheceu suas habilidades como cabeleireiro em Portugal. Apesar da saudade de casa, Karlos afirma ter Portugal como seu segundo país e lugar onde pretende continuar morando.

Conclusão

É visível a diferença entre o tratamento da questão da imigração nos telejornais portugueses e no programa “Nós”. Os cidadãos estrangeiros têm no programa da televisão pública portuguesa a voz reflexiva que busca desconstruir a imagem conflitiva estereotipada pelos telejornais e outros veículos de comunicação. A representação dos imigrantes se dá pelo viés da legitimidade de seus direitos e da associação deles à fatores positivos para o país acolhedor. Enquanto em outros setores da mídia o imigrante é visto como um alarme social, sobre o qual é necessário atuar, no “Nós” o imigrante é o elemento que pode acrescentar em termos de desenvolvimento e convivência social.

Essa diferença de tratamento e de representação social sobre o mesmo tema, a imigração, mostra a discrepância de objetivos entre a mídia convencional e o programa analisado. Ainda assim, é importante dar proporção às diferenças. A primeira delas está ligada a algo fundamental para o consenso sobre a representação social: a audiência. Ainda que o programa trate do assunto de forma diferente dos telejornais, a camada da população que atinge é desproporcional. O programa “Nós” é emitido às 10 horas da manhã de domingo, portanto, não fala às mesmas pessoas que assistem aos telejornais. Além disso, há provavelmente muitos indivíduos nativos que nem sequer sabem da existência deste programa, realidade que talvez seja diferente entre os estrangeiros já que as associações de imigrantes contam com grande participação e são parceiras do projeto.

O “Nós” pretende, de acordo com esta pesquisa, contribuir para um melhor entendimento entre nativos e imigrantes através da exposição de uma

realidade positiva. A televisão é um bom veículo para esse propósito. Uma parte importante do que fazemos, pensamos e sentimos se encontra midiaticizada. As representações sociais fundamenta nos indivíduos uma série de crenças construídas de forma implícita mas que se apresentam como consensos na sociedade. Temos uma realidade criada e recriada todos os dias pelos meios de comunicação. Assim, a função de auxiliar na criação e exposição de uma realidade em matéria de imigração está presente nas imagens de “Nós” através da televisão pública portuguesa. Há também uma tentativa de fazer emergir os sentimentos positivos dos portugueses e também dos estrangeiros que vivem em Portugal. Em muitas reportagens, é possível ver a inclusão de um nativo que fala positivamente do imigrante. Ou seja, o discurso tenta mostrar aos imigrantes que também os portugueses tiveram essa experiência migratória no passado e agora acolhem os que chegam.

Os imigrantes são representados, portanto, como pessoas trabalhadoras, lutadoras, que deixaram pessoas queridas em busca de uma vida melhor. São também indivíduos que buscam a integração com os moradores locais e se mostram abertos à socialização. Além disso, a família é um núcleo impulsionador para vida fora do país de origem, seja por ter imigrado junto ou por ter ficado. A imagem, como se constata, é inversa ao que a mídia em geral apresenta sobre a imigração em Portugal.

Referências

ALSINA, M. R. **El Periodismo ante el reto de la inmigración** In: BASTIDA, M. L. Medios de comunicación e inmigración. Murcia: Caja de Ahorros del Mediterráneo, 2006

ALMEIDA, A. M. O.; SANTOS, M. F. S. **Diálogo com a teoria da representação social**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005

APPADURAI, A. **Dimensões culturais da globalização: a modernização sem peias**. Lisboa: Teorema, 2004

BARGANHA, M.; REYNERI, E. **La inmigración en los países del sur de Europa y su inserción en la economía informal** In: El impacto de la inmigración en la economía y la sociedad receptora. Barcelona: Anthropos, 2001

CUNHA, I. F. **Imagens da Imigração em Portugal**. Lisboa: Revista Media e Jornalismo, nº 2, 2003

CUNHA, I. F., coord. **Media, Imigração e Minorias Étnicas II**. Lisboa: ACIME, 2006

GERBNER, G. **Violence et terreur dans les médias**. Paris: Unesco, 1989

GRILLO, R. **Transmigració i diversitat cultural en la construcció europea**. In: NICOLAU COLL, A. Europa diversa. Barcelona: Centre de Cultura Contemporànea de Barcelona, 2001

JOLY, M. **La Interpretación de la imagen**: entre memoria, estereotipo y seducción Barcelona: Paidós, 2003

MANNONI, P. **Les représentations sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001

MARTIN-BARBERO, J. e REY, G. **Los ejercicios del ver**: hegemonía audiovisual y ficción televisiva. Barcelona: Gedisa, 1999.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978

ROMERO, C. J. **¿Que es la inmigración?** Barcelona: RBA Integral, 2003

SANTAMARÍA, E. **La incognita del extraño**. Barcelona: Anthropos, 2002

ZAPATA-BARRERO, R. **Multiculturalidad e inmigración**. Madrid: Síntesis, 2004